

S - T - A - N - I - F - I - C - A - D - O

Pinóquio Gulliver Aladdin
Chapeuzinho Vermelho
A Bela Adormecida
Cinderela
Sítio do Pica-pau Amarelo
Pequeno Polegar
Ali Babá
Alice no País das Maravilhas
O Patinho Feio
Branca de Neve

VIRTUALBOOKS

Apoio:



Patrocínio:



Realização:



virtualbooks on line

The logo for Virtualbooks on line, featuring the word "virtualbooks" in a dark blue, lowercase, sans-serif font, followed by "on line" in a smaller, lighter blue, lowercase, sans-serif font. The text is set against a blue, rounded, horizontal oval background.

Os Dois Caçadores

Copyright © 2000, virtualbooks.com.br

Todos os direitos reservados a Editora Virtual Books Online M&M Editores Ltda.É proibida a reprodução do conteúdo deste livro em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem autorização escrita da Editora.

Os Dois Caçadores

Era uma vez, há muito, muito tempo, dois irmãos, um dos quais era Ourives e outro era Paupérrimo e ganhava a vida fabricando vassouras. O primeiro tinha o coração duro e a alma perversa, enquanto o segundo era muito bom e tinha dois filhos que iam muitas vezes à casa do tio rico para comer os restos dos seus jantares.

Um belo dia, enquanto o irmão pobre caminhava pela floresta, recolhendo os ramos secos que deviam servir-lhe para fabricar as vassouras, levantou o olhar para o cimo de uma árvore e viu uma magnífica ave de penas douradas que cintilavam como se fossem de metal. O bom homem pegou em uma pedra e atirou-a contra a ave, que fugiu assustada, deixando cair uma pena das suas asas. O irmão pobre recolheu-a e levou-a logo ao irmão rico que, depois de tê-la examinado com grande atenção, disse:

- Mas isto é ouro puríssimo! Pagar-to-ei em

proporção ao seu peso.

O pobre diabo recebeu o dinheiro, e na manhã seguinte voltou à floresta, ocupando-se a cortar alguns ramos de uma bétula. Justamente naquele instante, a ave das penas de ouro surgiu de um emaranhado de ramos, erguendo vôo a grande altura. O bom homem examinou atentamente o ponto de onde surgira a ave, e descobriu um ninho no qual se achava um ovo de ouro.

Na mesma tarde o levou ao irmão, que o examinou atentamente e, depois de tê-lo pesado, exclamou:
- Também este é de ouro puríssimo; pago-te pelo que vale.

O irmão pobre embolsou o dinheiro e estava para retirar-se, quando o Ourives lhe disse:

- Gostaria de possuir o pássaro que pôs este vôo. Se me trouxeres, dar-te-ei uma bolsa cheia de moedas de ouro.

A essas palavras, o fabricante de vassouras voltou correndo à floresta e descobriu logo a ave, que gorjeava em cima de um arbusto. Então pegou em uma pedra e atirou-a contra a ave, que caiu morta. O irmão manteve a palavra e entregou-lhe a bolsa cheia de moedas de ouro. O fabricante de vassouras voltou para casa cheio de alegria, pensando que com aquele dinheiro poderia viver sem se afadigar. Mas o Ourives, que era um patife, sabia muito bem a que espécie pertencia o pássaro em cuja posse entrara e, chamando a esposa, disse-lhe:

- Tens de assar-me este pássaro para esta noite; tem presente que devo comê-lo todo eu, e que não devo perder nem uma migalha.

Aquele pássaro pertencia a uma espécie raríssima

e, quem quer que tivesse a sorte de comer o seu coração e o seu fígado, encontraria todas as manhãs uma moeda de ouro debaixo do travesseiro. A esposa seguiu religiosamente as instruções do marido e, depois de enfiar o pássaro no espeto, saiu um momento da cozinha para cuidar de outros quefazeres. Mas justamente durante a sua ausência chegaram os filhos do fabricante de vassouras, que quiseram divertir-se fazendo girar o espeto. De repente, dois pedacinhos do assado caíram na frigideira e um dos meninos exclamou:

- Vamos comê-los? São tão pequenos que ninguém perceberá! . . .

O irmãozinho estendeu a mão e, poucos instantes depois, saboreavam os dois o delicioso bocado.

- Que fazem aí? - gritou nesse momento a tia, entrando.

- Estávamos comendo dois pedacinhos do assado, que caíram na frigideira.

- Meu Deus! Comeram exatamente o coração e o fígado! - exclamou a senhora, assustada. E, não querendo que o marido percebesse o que acontecera, correu a matar um frango, tirando-lhe o coração e o fígado, que introduziu no peito da ave dourada.

Quando ficou pronta, serviu-a à mesa, e o Ourives devorou-a com grande avidez, sem deixar um bocadinho sequer.

Na manhã seguinte, acordou mais cedo que de costume e levantou o travesseiro, na esperança de encontrar debaixo dele a moeda de ouro, mas sentiu-se muito desiludido porque nada encontrou. Ao contrário, os dois irmãozinhos tiveram a grata

surpresa de escutar alguma coisa tinir no chão e, inclinando-se para verem o que caíra das suas caminhas, encontraram duas belas moedas de ouro brilhante. Maravilhados e contentes, levaram-nas ao pai, que não podia acreditar nos próprios olhos e continuava a exclamar:

- Como pode ser isto?

E o espanto do bom homem não teve mais limites quando verificou que o milagre se repetia todas as manhãs. Então, lembrou-se de ir procurar o irmão, informando-o dos fatos extraordinários que aconteciam na sua casa. O Ourives adivinhou logo que os dois sobrinhos deviam ter comido o coração e o fígado do pássaro de ouro e, como era malvado, quis vingar-se, dizendo ao irmão:

- Pobres desgraçados! Teus filhos caíram em poder do demônio e, se continuarem na tua casa, estarás arruinado! Se queres salvar-te, abandona-os!

O ingênuo fabricante de vassouras tinha grande medo ao diabo e às artes mágicas; voltando para casa, tomou os dois meninos pela mão e, com o coração confrangido de dor, conduziu-os ao lugar mais denso da floresta e fugiu correndo, deixando-os sozinhos e abandonados.

Depois de terem chamado em vão pelo pai, os dois pobres meninos começaram a vaguear pelo bosque, na esperança de encontrarem o caminho para voltarem para casa, mas perderam-se ainda mais e, depois de muitas horas de caminhada, encontraram um caçador que lhes perguntou:

- Quem são vocês, garotos?

- Somos filhos de um pobre fabricante de vassouras.

- E por que se encontram sozinhos na floresta?
Os dois meninos, contaram tudo o que lhes acontecera e o caçador teve pena deles e exclamou:
- Senão fizerem mau uso da sorte que lhes coube, nada de mau cometerão. Venham comigo; serei seu segundo pai e educá-los-ei.

De fato, o caçador levou os dois meninos, ensinando-lhes a profissão da caça e pondo de parte as moedas de ouro que eles encontravam todas as manhãs debaixo do travesseiro.

- Quando vocês forem grandes, entregar-lhes-ei o seu dinheiro — dizia ele de vez em quando aos dois irmãos.

Quando os dois atingiram certa idade, levou-os ao bosque, entregando a cada um uma espingarda, e disse-lhes:

- Para que eu possa declarar que são caçadores, terão de submeter-se a um exame. Prestem bem atenção na pontaria e disparem quando eu lhes disser.

Meia hora depois apareceu uma revoada de patos bravos, que voavam em formação de triângulo, e o caçador voltou-se para um dos irmãos, dizendo:

- Tu deves atingir o pato que voa à direita do triângulo.

O jovem disparou e abateu o volátil.

Pouco depois passou outro bando de aves que tinha a forma de um quadrilátero e o caçador disse ao outro irmão:

- Tu tens de acertar no pássaro que voa no canto esquerdo do quadrilátero.

O jovem disparou e também venceu a prova.

- Muito bem! - exclamou então o caçador -.Estou

satisfeito com o vosso exame, e declaro-vos livres e independentes, porque sois mestres na arte da caça.

Enquanto voltavam para casa, os dois irmãos consultaram-se sobre o que deviam fazer e, quando estavam à mesa para a ceia, disseram ao homem que os criara como segundo pai:

- Antes de comermos, queremos fazer-lhe um pedido.

- Digam, meus rapazes.

- Visto que estamos em condições de ser caçadores, queremos pedir-lhe licença para partir pelo mundo.

- Nada mais justo - respondeu o caçador -. A sua resolução é muito acertada, porque corresponde ao meu desejo. Dou-lhes, pois, a licença que me pedem para partirem pelo mundo.

Chegado o dia da partida, o caçador deu de presente uma bela espingarda a cada um dos dois irmãos, entregando-lhes também as moedas de ouro que guardara.

Depois os acompanhou um bom trecho de caminho, antes de deixá-los, e deu-lhes também uma boa faca de aço, dizendo:

- Quando tiverem de separar-se, cravem esta faca na árvore que encontrarem na bifurcação das duas estradas pelas quais seguirão. Quando um de vocês quiser ter notícias do outro, voltará até junto da árvore e olhará para a faca de gume duplo; se a lâmina estiver enferrujada de um lado, isso quererá dizer que um de vocês terá morrido.

Os dois irmãos agradeceram ao bom caçador e puseram-se a caminho, penetrando em uma floresta tão vasta que eram necessários vários dias para

atravessá-la. Depois de terem comido alguma coisa, tiveram pois de dormir debaixo de uma árvore e, no dia seguinte, tendo esgotado as provisões de víveres, disseram:

- Se quisermos comer, teremos de matar alguma caça.

Carregando as espingardas, puseram-se de tocaia e, pouco depois, viram aparecer uma velha lebre. Estavam para matá-la, quando o pobre animal lhes dirigiu a palavra, dizendo-lhes com voz suplicante:

- Deixem-me viver bons moços; para recompensar-vos da vossa boa ação, eu vos trarei dois dos meus filhotes.

Os dois irmãos tiveram piedade da lebre e aceitaram a oferta. Mas quando se viram diante das duas pequenas lebres, tão espertas, saltitantes e bonitas, não tiveram coragem de matá-las.

Então, os dois animaizinhos não quiseram mais afastar-se deles, e seguiram-nos através da floresta.

Mais tarde descobriram uma raposa e estavam para atirar nela quando também a raposa lhes suplicou que a deixassem viver.

- Tenham compaixão de mim. Para recompensar-vos da vossa generosidade, trar-vos-ei dois dos meus filhotes.

Os dois caçadores não souberam resistir ao seu bom coração, e a raposa fugiu, voltando pouco depois com as duas raposinas. Mas também estas eram tão bonitas, espertas e graciosas, que os dois irmãos resolveram deixá-las viver, levando-as consigo, juntamente com as duas pequenas lebres. Depois de algumas horas de caminho, descobriram

um lobo, mas também este tomou uma atitude de súplica e disse-lhes:

- Deixem-me viver; em compensação eu trarei dois lobinhos.

Ainda desta vez os dois caçadores não se sentiram com coragem suficiente para disparar contra o animal e pouparam também os dois lobinhos, que se juntaram assim às duas lebres e às duas raposinhas.

Vendo um urso, os dois irmãos resolveram matá-lo, porque não suportavam mais a fome, mas a fera dirigiu-lhes a palavra, exclamando com voz trêmula:

- Tenham piedade de mim! . . . Não me matem, e eu lhes trarei dois dos meus ursinhos.

Ainda desta vez os dois irmãos tiveram de ceder aos impulsos do seu coração generoso, e pouco depois os dois ursinhos se juntavam aos outros animais que seguiam os caçadores, saltitando alegremente em volta deles e ajudando-os nos seus quefazeres.

Não querendo sacrificar os animais, os dois moços alimentavam-se com frutas silvestres. Decidiram procurar trabalho e, como não era possível permanecerem sempre juntos, resolveram separar-se. Assim mesmo encontraram uma bela leoa que lhes quis dar dois leaõzinhos, e cada um dos dois irmãos ficou com uma lebre, uma pequena raposa, um lobinho, um ursinho e um pequeno leão.

Depois se abraçaram, prometendo um ao outro mútuo afeto até à morte e, após terem cravado no tronco de uma árvore a faca que lhes dera o caçador, começaram a caminhar em direções opostas.

No dia seguinte, um dos dois irmãos chegaram a uma aldeia paramentada de luto e entrou em uma granja, pedindo alojamento para si e para os seus animais. O dono pôs à sua disposição um estábulo com uma porta tão pequena que nele puderam entrar somente a lebre e a raposa. A primeira encontrou uma couve e a segunda uma galinha, e as duas puderam saciar a fome.

Mas o lobo, o urso e o leão eram grandes demais para poderem entrar no estábulo; o dono conduziu-os então a um prado onde pastava uma vaca, que os três animais devoraram em um abrir e fechar de olhos.

Tendo providenciado dessa maneira sobre o bem-estar dos seus animais, o caçador perguntou então ao dono da granja a razão por que o país estava de luto.

- Porque a filha do nosso rei deverá morrer amanhã
- respondeu o camponês, com voz cheia de tristeza.
- Está doente? Está agonizante?
- Não. Está sã, é jovem e bela, mas tem de morrer.
- Por que motivo?
- Já lho vou dizer - respondeu o homem -. Fique sabendo que, pouco distante daqui da nossa aldeia, encontra-se uma montanha onde mora um terrível dragão que exige o sacrifício de uma moça por ano. Se tal sacrifício não fosse realizado pontualmente, ele destruiria todo o país. E como desta vez o dragão escolheu a filha do rei, temos de sacrificá-la, porque o dragão não quer escutar desculpas e deu-nos prazo até amanhã cedo.
- E por que não se livram do dragão, matando-o? - perguntou o jovem caçador.

A estas palavras o dono da granja começou a tremer de medo, balbuciando:

- Oh, senhor! Se soubesse quantos valentes cavaleiros já tentaram fazer isso, perdendo a vida! . . . O rei prometeu que concederá a mão da filha e a sucessão ao trono, depois da sua morte, aquele que conseguir matar o dragão.

O caçador não acrescentou uma palavra, nem demonstrou ter qualquer intenção, mas no dia seguinte de manhã subiu à montanha do dragão, juntamente com os seus animais. No cimo encontrava-se um pequeno templo e ele entrou, aproximando-se do altar, sobre o qual viu três cálices cheios de um líquido e um quadro onde estava escrito: "Quem beber o conteúdo destes três cálices se tornará o homem mais forte da terra e estará em condições de manejar a terrível espada sepultada defronte da porta."

Em vez de beber o conteúdo dos três cálices, o caçador resolveu procurar a espada, mas quando a encontrou não foi capaz de movê-la nem sequer um centímetro. Então voltou até ao altar e esvaziou os três cálices; depois tornou a renovar a tentativa, conseguindo levantar a espada sem despender o mínimo esforço.

Satisfeito com a primeira parte da empreitada, o jovem sentou-se na erva, cercado pelos seus animais, e esperou a hora em que a princesa devia chegar.

Pouco depois, ela apareceu no sopé da montanha, seguida pelo rei, pelo marechal e por todos os cortesãos. Erguendo o olhar para o cume da montanha, avistou o caçador e, julgando que fosse

o dragão, começou a chorar e a suplicar que a deixassem voltar. Mas quando ouviu o pai repetir que a salvação de todo o país dependia dela, destacou-se corajosamente do grupo e prosseguiu sozinha o caminho.

O rei e os cortesãos voltaram e o marechal se escondeu atrás de uma árvore para observar de longe a terrível cena que devia desenrolar-se sobre a montanha do dragão.

Chegando ao cimo, a princesa ficou muito surpreendida por encontrar o caçador em vez do monstro. O jovem confortou-a, infundira-lhe coragem, garantindo-lhe que a salvaria, e depois a fez entrar no templo, fechando-a lá dentro.

Ainda não transcorrera sequer um minuto, quando o dragão de sete cabeças apareceu diante dele, rugindo e lançando chamas pelos olhos.

Vendo o caçador, ficou muito espantado, e perguntou-lhe com voz tremenda:

- O que foi que vieste fazer aqui em cima?

- Vim para combater contigo - respondeu o jovem, com arrogância.

- Temerário! Não sabes que muitos outros caçadores perderam a vida, combatendo contra mim? Prepara-te para morrer!

Assim dizendo, começou a vomitar torrentes de fogo pelas sete cabeças; as chamas deveriam ter incendiado o prado, produzindo uma fumaça asfíxiante, mas os animais conseguiram extinguir o fogo, enquanto o corajoso caçador brandia a espada e a deixava cair com violência sobre o monstro, cortando-lhe três cabeças.

O dragão caiu por terra, mas tornou a levantar-se

logo, lançando-se de novo contra o jovem e envolvendo-o em uma nuvem de fogo; mas ele, com segundo golpe, bem assestado, cortou-lhe mais três cabeças.

Exausto e reduzido quase à impotência, o monstro rebolou pelo prado, contorcendo-se de dor; depois concentrou todas as forças que lhe restavam para lançar-se novamente sobre o caçador, mas este lhe vibrou novo golpe de espada, decepando-lhe a última cabeça.

Então chamou os seus animais e ordenou-lhes que reduzissem a bocados o horrível monstro, o que foi feito com a rapidez de um relâmpago.

Entretanto, o caçador abriu a porta do templo e aproximou-se da princesa, que desmaiara com o susto. Levou-a para fora e, quando ela recuperou os sentidos, anunciou-lhe que matara o dragão e mostrou-lhe o cadáver do monstro reduzido a pedaços.

Com indizível alegria, a princesa lançou os braços ao pescoço do corajoso caçador e disse-lhe:

- Meu pai prometeu minha mão àquele que conseguisse matar o dragão. Tu serás portanto meu esposo.

Dito isto, tirou do pescoço um magnífico colar de coral e dividiu-o entre os animais, dando ao leão o fecho de ouro que servia para fechá-lo.

Ao caçador deu o seu lenço, com as suas iniciais bordadas; o jovem cortou as sete línguas do dragão e envolveu-as no lenço, porque queria conservá-las.

- E agora vamos repousar um pouco, porque estamos muito cansados - disse ele à princesa.

Ela concordou de boa vontade e ambos se

estenderam na relva. Antes de adormecer, o caçador chamou o leão e disse-lhe:

- Tu velarás por nós, impedindo que qualquer pessoa se aproxime.

O leão dispôs-se a obedecer, mas estava muito cansado e, tendo medo de adormecer, chamou o lobo, dizendo-lhe:

- Fica junto de mim e, se alguém tentar aproximar-se, avisa-me logo.

O lobo colocou-se junto do leão mas, sentindo-se também ele muito cansado, chamou o urso, dizendo-lhe:

- Preciso dormir um pouco; fica junto de mim e, se acontecer alguma coisa, chama-me.

Mas, como também o urso estava exausto, achou conveniente chamar a raposa e dizer-lhe:

- Eu preciso de dormir. Fica a meu lado e, se alguém vier perturbar-nos, acorda-me logo.

A raposa obedeceu, mas pouco depois percebeu que não podia resistir ao sono e chamou a lebre, dizendo-lhe:

- Fica junto de mim, e se acontecer qualquer coisa, avisa-me imediatamente.

Também a pobre lebre se sentia exausta e, como não tinha ninguém a quem dirigir-se para pedir que a acordasse, procurou resistir ao sono, mas ao fim de alguns minutos os seus olhos se fecharam.

Um junto ao outro, tinham adormecido: assim o caçador, a princesa, o leão, o lobo, o urso, a raposa e a lebre.

O marechal ficara no seu esconderijo para assistir à fuga do dragão com a princesa mas, nada tendo visto e constatando que o cimo do monte estava

imerso na maior tranqüilidade, tomou coragem e subiu até lá.

Quando viu o corpo do dragão feito em pedaços e a princesa que dormia perto do caçador e dos animais, seu instinto malvado e infame sugeriu-lhe cometer um delito. Com um golpe de espada cortou a cabeça do caçador, depois segurou a princesa entre os braços e começou a descer o monte, dirigindo-se para a planície.

- Agora estás nas minhas mãos e terás de dizer quem matou o dragão fui eu - exclamou o patife, quando a princesa acordou presa de indizível susto.

- Não! Eu nunca direi isso, porque é mentira... O dragão foi morto pelo caçador e pelos seus animais! Então o marechal desembainhou novamente a espada e ameaçou matar também a pobrezinha, se ela não promettesse dizer o que ele queria.

Aterrorizada, a princesa teve de vergar-se à sua vontade e prometeu.

Quando o rei viu diante de si a sua adorada filha, ainda viva, experimentou uma alegria indescritível.

- Fui eu quem matou o dragão, - afirmou o marechal, - e vos peço, portanto, a mão de vossa filha, que salvei da morte.

O rei voltou-se então para a moça, perguntando-lhe se a declaração do marechal era verdadeira.

- E', mas eu desejo que o casamento não se realize senão depois de transcorrido um ano e um dia - respondeu a princesa, esperando poder evitar a boda com aquele malvado.

Em cima do monte, os animais continuavam a dormir, ao lado do caçador morto. De repente, um grande moscardo pousou no focinho da lebre, que o

obrigou a fugir, com uma pancada da pata; mas o inseto não se deu por vencido e continuou a molestá-la até que ela acordou.

Levantando-se de um pulo, a lebre apressou-se a acordar a raposa, que chamou logo o urso; este acordou o lobo, que por sua vez despertou o leão. Mas quando este último percebeu que a princesa não estava mais junto dele e viu o cadáver do caçador, soltou formidável rugido:

- Lobo! Quem cometeu este delito? Tu és responsável por tudo, visto que não me acordaste.

- E tu, por que não me acordaste? - perguntou então o lobo ao urso.

O urso voltou-se para a raposa, perguntando-lhe:

- Por que me deixaste dormir?

E a raposa à lebre:

- Tinha-te ordenado que me acordasses! Por que não o fizeste?

Toda a culpa recaía assim sobre a pobre lebre, que não sabia como justificar-se. Os outros animais queriam matá-la, mas ela suplicou, chorando:

- Não me matem, caros amigos! Eu remediarei tudo, fazendo voltar à vida o nosso dono. Conheço uma erva que tem o poder de ressuscitar os mortos, sarando todas as feridas, mas está muito longe daqui, e o seu poder curativo não dura mais de vinte e quatro horas depois de arrancada.

- Dentro de vinte e quatro horas terás de estar de volta - disse o leão.

A lebre prometeu fazer tudo o que fosse possível e partiu com a velocidade de uma seta, voltando antes do prazo estipulado, com a erva miraculosa.

O leão pegou na cabeça do caçador, que rolara a

alguns passos de distância do busto, e aplicou-lha sobre o pescoço, enquanto a lebre lhe metia a erva miraculosa dentro da boca. Um instante depois, a cabeça estava de novo ligada ao pescoço e o coração do jovem recomeçou a bater.

O caçador não percebera nada e teve assim a impressão de despertar do sono, mas quando não viu mais a princesa a seu lado, sentiu-se invadido de uma grande tristeza, julgando que ela tivesse fugido para abandoná-lo.

A tristeza do jovem tornava-se cada vez mais profunda e ele pôs-se a girar pelo mundo, fazendo dançar os seus animais nas feiras das aldeias. Um ano depois, chegou novamente ao país situado perto do monte onde matara o dragão das sete cabeças e, vendo que todas as casas estavam embandeiradas em festa, com bandeiras vermelhas franjadas de ouro, procurou o antigo fazendeiro, perguntando-lhe:

- Como é que justamente há um ano o país estava de luto, e agora o encontro todo em festa?
- Há um ano, a filha do nosso rei estava para ser sacrificada ao dragão - respondeu o granjeiro -. Mas hoje as coisas mudaram. O marechal conseguiu matar o monstro e amanhã se festejarão as bodas da princesa com ele.

O caçador foi-se embora e no dia seguinte, isto é, o do casamento, voltou à hospedaria, dizendo ao dono:

- O que dirias se hoje eu comesse aqui dentro o pão que se serve à mesa do rei?
- Estou disposto a apostar cem moedas de ouro que não o conseguirás respondeu o estalajadeiro, rindo-

se.

O jovem aceitou logo a aposta e, depois de ter posto as cem moedas de ouro em uma bolsa, chamou a lebre e disse-lhe:

- Vai depressa ao palácio real e traze-me um pedaço de pão do mesmo que come o rei.

A lebre foi assaltada pelo receio de que os cachorros a pegassem no caminho, mas assim mesmo obedeceu e, quando os mastins se lançaram em sua perseguição, correu a refugiar-se em uma guarita, sem que a sentinela sequer a percebesse. Os cães tentaram entrar na guarita, mas o soldado os enxotou, obrigando-os a fugir.

Quando a lebre teve a certeza de não ser mais seguida, atingiu em poucos saltos o palácio do rei, entrou no quarto da princesa e começou a dar voltas entre as pernas desta última.

- Vai-te! - gritou a princesa, julgando que se tratava de um dos seus cães. Mas como o animal continuasse a esfregar-se nos seus vestidos, curvou-se e reconheceu com alegria a lebre do caçador que lhe salvara a vida.

- Minha querida lebre! - exclamou, tomando-a nos braços -. Que queres de mim?

- Meu dono me mandou para busca: um pedaço de pão do rei - respondeu o animalzinho, agitando a cauda -. Meu dono foi quem matou o dragão no monte.

- De boa vontade! - disse a princesa, fora de si de alegria. E chamou o padeiro, ordenando-lhe que entregasse à lebre um pão dos que eram servidos à mesa do rei.

Quando a lebre chegou de novo à hospedaria,

aproximou-se da mesa a que estava sentado o seu dono e, levantando-se nas pernas posteriores, entregou-lhe o pão.

- Ganhei a aposta, caro estalajadeiro? . . . As cem moedas de ouro são minhas!

O dono da hospedaria ficou muito maravilhado e arregalou os olhos quando o caçador acrescentou

- Agora que tenho o pão, quero também o assado que o rei come.

- Isso agora é que eu não acredito.

- Vamos apostar outros cem zloty(Moeda polaca)?

- Aceito a aposta.

Então o jovem chamou a raposa e disse-lhe:

- Minha cara raposina, tu tens de ir ao palácio real e trazer-me de lá um pedaço do assado que se serve à mesa do rei.

A raposa, sendo mais matreira do que a lebre, conseguiu entrar no palácio sem ser percebida pelos cães.

Poucos minutos após, a raposa apresentava o assado ao dono que, depois de tê-lo pousado em cima da mesa, voltou-se mais uma vez para o estalajadeiro, dizendo-lhe:

- Já ganhei duas apostas, mas agora, que tenho o pão e o assado, quero os legumes que são servidos à mesa do rei.

E chamando o lobo, ordenou-lhe:

- Meu caro lobo : tu tens de trazer-me parte dos legumes que foram preparados para o jantar do rei. O lobo chegou ao palácio sem ser importunado por ninguém, porque era mais forte e todos o temiam.

- Vê, caro estalajadeiro? - exclamou o caçador, quando o lobo voltou e lhe entregou o prato de

legumes -. Agora que tenho o pão, o assado e os legumes que se servem à mesa do rei, quero também o doce preparado para a sobremesa real. Desta vez o encargo coube ao urso, que chegou ao palácio real sem ser perturbado; mas, quando se preparava para entrar, a sentinela apontou-lhe a espingarda. Então o animal foi obrigado a defender-se e com duas pancadas abateu o soldado, estonteando-o.

O animal, tendo obtido da princesa uma magnífica torta, lambeu com gula as migalhas caídas por terra, e depois a entregou ao dono, que exclamou:

- Vê, meu caro estalajadeiro? Agora que tenho o pão, o assado, os legumes e a sobremesa que se servem à mesa real, quero beber também o vinho que é servido ao rei.

E chamando o leão, acrescentou:

- Sei que gostas muito de vinho. Vai até ao palácio do rei e faz com que te dêem uma garrafa do que é servido à mesa real.

O leão percorreu as ruas da cidade, fazendo fugir toda a gente à sua passagem. As sentinelas quiseram tentar obstar a sua entrada, mas bastou que ele emitisse um terrível rugido para que fugissem aterrorizadas.

Chegando defronte da câmara da princesa, o leão bateu na porta com a cauda; a filha do rei correu a abrir e, quando se viu na presença de uma fera, esteve a ponto de fugir assustada; mas o leão agachou-se a seus pés e então ela o reconheceu pela coleira e disse-lhe:

- Que queres, caro leão?

- O meu senhor, que matou o dragão da montanha,

mandou-me buscar um pouco do vinho que é servido à mesa do rei.

A princesa mandou imediatamente chamar o despenseiro, ordenando-lhe que entregasse ao leão algumas garrafas do melhor vinho; mas a fera não pareceu satisfeita, e disse:

- Quero ir eu próprio à adega, para estar certo do vinho que vão dar-me.

Quando o despenseiro lhe ofereceu o vinho que bebia a criadagem, o leão pegou em uma caneca e mandou-o encher, dizendo:

- Quero primeiro prová-lo.

E quando o bebeu, acrescentou:

- Não está direito; este vinho é ruim e não pode ser o que se serve à mesa do rei.

O despenseiro lançou-lhe um olhar torvo e aproximou-se do tonel que continha o vinho destinado ao marechal.

O leão quis também prová-lo e depois disse:

- É um pouco melhor do que o primeiro, mas ainda não pode ser o mesmo que é servido ao rei.

- Que sabem vocês, simples feras, de vinho? - gritou então o despenseiro, furioso.

O leão pousou-lhe uma pata no ombro e fê-lo cair sentado, olhando depois para ele com comiseração.

Quando se levantou, o despenseiro tornara-se humilde e, sem hesitar por mais tempo, conduziu a fera a outra adega, muito menor do que a primeira, e onde se achava somente o vinho reservado para o rei.

O leão bebeu mais de meio litro e depois declarou:

- Muitíssimo bem; é este mesmo o vinho que eu quero! Encha-me seis garrafas dele, e ponha-as em

uma cesta, de maneira que eu possa levá-las sem as quebrar.

Quando chegou à hospedaria, o leão estava meio embriagado e caminhava cambaleando. O caçador pegou nas seis garrafas, pousou-as em cima da mesa e exclamou triunfante:

- Vê, caro estalajadeiro? Agora que tenho o pão, o assado, os legumes, o doce e o vinho da mesa real, vou banquetear-me alegremente, com os meus animais.

De fato comeram todos com grande apetite, e quando o jantar acabou, o jovem voltou-se de novo para o estalajadeiro, dizendo-lhe:

- Agora que comi e bebi, quero ir ao palácio real, para me casar com a filha do rei.

- Isso agora é que é mesmo impossível - disse o estalajadeiro -. A princesa já escolheu o seu esposo, e o casamento realiza-se hoje mesmo.

Então o caçador lhe mostrou o lenço que continha as sete línguas do dragão, exclamando:

- Aqui está o que me dá a certeza daquilo que digo.

- Se tive de acreditar no resto, não acreditarei nunca que vá casar-se com a filha do rei - disse o estalajadeiro -. E para demonstrá-lo, aposto a minha casa.

O caçador jogou em cima da mesa uma bolsa contendo mil moedas de ouro e exclamou:

- Aqui está o meu equivalente.

Nesse meio tempo, o rei estava à mesa com a filha, e dizia-lhe:

- Não quererás explicar-me o que queriam todos os animais que te foram procurar durante a manhã?

- Não lhe sei dizer coisa alguma, - respondeu a

princesa - mas se quer fazer uma coisa acertada, mande chamar a palácio o dono dos animais.

O rei mandou logo um pajem à hospedaria, com o encargo de acompanhar o caçador ao palácio real. Justamente naquele momento era fechada a aposta, e quando o jovem escutou o convite do pajem, voltou-se para o estalajadeiro, dizendo-lhe:

- Vê, meu caro estalajadeiro? O rei mandou-me chamar, mas eu ainda não vou ao palácio.

E depois acrescentou, voltando-se para o mensageiro

- Diga a Sua Majestade que me mande trazer trajes da côrte e me mande buscar com uma carruagem puxada por seis parelhas, e com uma escolta de honra.

Quando o rei tomou conhecimento da exigência do caçador, mandou chamar a filha e perguntou-lhe o que devia fazer.

- Faça o que ele lhe pede, e tudo correrá bem.

O monarca ordenou que se preparassem as roupas, a carruagem com seis parelhas e a escolta de honra. Quando o cortejo chegou defronte da hospedaria, o caçador voltou-se para o estalajadeiro, dizendo-lhe:

- Então, acha que estou enganado? O rei me mandou buscar em uma carruagem de gala.

Em seguida retirou-se para um quarto, vestindo os trajes que lhe tinham trazido; quando ficou pronto, teve o cuidado de levar consigo o lenço contendo as sete línguas e saiu de carruagem, seguido pelos seus animais.

Quando o rei o viu chegar, mandou chamar a filha e

disse-lhe:

- De que maneira devo receber aquele homem?
- Aconselho-o a ir ao seu encontro - respondeu-lhe a princesa.

O monarca foi recebê-lo ao cimo da escadaria de honra, e depois o conduziu a uma grande sala, juntamente com os seus animais, que não o abandonavam nunca.

O marechal, que não tinha reconhecido a sua vítima, estava sentado ao lado esquerdo da noiva; o caçador sentou-se à sua direita, e o rei tomou lugar a seu lado.

Naquele momento, os servos entraram no salão, trazendo as sete cabeças do dragão, como troféu de vitória em honra daquele que estava para desposar a princesa.

Então o rei levantou a mão e exclamou em voz alta:

- Tendo matado o terrível dragão da montanha e havendo-lhe cortado as sete cabeças, prova da sua intrepidez, o marechal ganhou a mão de minha filha e hoje mesmo a conduzirá ao altar.

O caçador levantou-se, e examinou uma por uma as sete cabeças do dragão, exclamando em seguida:

- Faço observar que faltam as sete línguas. O senhor marechal poderia dizer-nos onde estão?

O infame ficou completamente confuso, não soube o que responder, e empalideceu; por fim, conseguiu balbuciar com voz trêmula:

- Os dragões nunca tiveram língua.
- Os mentirosos é que não deveriam tê-la! - gritou então o caçador, desamarrando o lenço -. Aqui estão as línguas do dragão! Esta é a verdadeira prova da vitória.

Dizendo isso, introduziu as línguas nas respectivas cabeças, mostrando como se adaptavam ao feitio de cada boca. Depois, aproximou-se da filha do rei e, mostrando-lhe o lenço bordado, perguntou-lhe a quem pertencia.

- Ao valente que matou o dragão! - respondeu a princesa.

Então o jovem chamou os seus animais e tirou-lhes do pescoço os pedaços do colar e o fecho, prosseguindo:

- A quem pertence este colar de coral, com fecho de ouro?

- Pertencia a mim, - respondeu a princesa - e eu o dei aos animais que ajudaram o caçador a matar o dragão.

Nesse ponto, o jovem voltou-se para o rei, contando-lhe tudo o que acontecera depois de ter matado o horrível monstro, e especialmente a traição do marechal.

O rei, depois de ter escutado tudo, possuído de grande espanto e de indizível desdém, quis certificar-se de que o caçador não estava mentindo e voltou-se para a princesa, perguntando-lhe:

- Responde-me com sinceridade, minha filha: o matador do dragão foi mesmo este jovem caçador?

- Foi... Agora posso dizer tudo, porque o segredo não foi revelado por mim. O marechal me obrigara a dar-lhe a minha palavra de que nunca revelaria coisa alguma e, justamente por esse motivo, foi que pedi um ano de prazo antes de casar-me com ele. O matador do dragão foi esse jovem caçador, e o marechal mentiu depois de ter-me ameaçado de morte.

O rei não quis escutar mais e reuniu os seus conselheiros, que julgaram o marechal, condenando-o à prisão perpétua.

Depois, concedeu a mão da filha ao corajoso caçador, nomeando-o príncipe regente, e também herdeiro do trono e de todos os seus bens.

As bodas celebraram-se com grande pompa e o jovem não se esqueceu de convidar ao caçador que o criara com tanto carinho e afeto, cumulando-o de benefícios. Não quis esquecer nem sequer o estalajadeiro e, quando a festa estava no seu auge, chamou-o à parte e disse-lhe:

- Viste, caro estalajadeiro? Casei-me com a filha do rei, e ganhei portanto a última aposta. A tua casa me pertence.

- E justo - respondeu o pobre estalajadeiro.

Mas o jovem sorriu e exclamou:

- Não tenhas medo : deixo-te a casa, e também as mil moedas de ouro que representavam a minha parte.

O antigo caçador agora convertido em príncipe e a sua adorada esposa viviam contentes e felizes. De vez em quando ele ia à caça, acompanhado pelos seus animais, que viviam regaladamente, e mostrava-se muito satisfeito por poder dedicar-se àquele passatempo, que sempre fora o seu maior prazer.

A pouca distância do país, achava-se imensa floresta na qual ninguém ousava penetrar porque corria a lenda de que, quem lá entrasse, muito dificilmente tornaria a sair.

O jovem não podia resistir ao desejo de ir caçar nela, e tanto suplicou ao rei, que este acabou por

conceder-lhe licença para fazê-lo.

Escortado por um séquito escolhido e numeroso, penetrou na famosa floresta e, depois de alguns minutos, descobriu uma belíssima corça branca, que fugia sob as árvores.

- Esperem-me aqui - disse ele aos que o seguiam. - Quero matar aquela corça, e depois voltarei.

Os servos e palafreiros estenderam-se à sombra de algumas faias e o príncipe seguiu a pista da corça, acompanhado somente pelos seus inseparáveis animais.

A escolta esperou-o pacientemente até à noite, e depois voltou ao palácio informando do acontecido o rei e a princesa.

A jovem esposa foi tomada de uma tristeza indescritível e encerrou-se nos seus aposentos, chorando amargamente.

Entretanto, o príncipe caçador continuava seguindo encarniçadamente a corça, porém o seu cavalo não conseguia nunca alcançá-la e todas as vezes que ele levava ao ombro a espingarda para apontar, o animal conseguia sempre eclipsar-se com a rapidez de um raio. Finalmente desapareceu em uma moita, e o caçador perdeu-a de vista.

Somente então reparou que tinha deixado muito atrás o seu séquito, e tocou repetidas vezes a buzina para chamar a atenção dos seus homens, que não podiam no entanto ouvi-lo, por estarem muito longe. O príncipe teve de resignar-se a passar a noite na floresta e, apeando-se do cavalo, estendeu-se ao pé de uma árvore, acendendo uma fogueira, para esquentar-se.

Cercado pelos seus fiéis animais, estava gozando o

calor do fogo, quando lhe pareceu ouvir um estranho lamento que provinha do alto. Cheio de curiosidade, ergueu o olhar e viu uma velha que estava atravessada nos ramos da árvore, gemendo

- Ui! Ui! Ui! Tenho tanto frio!

- Desce, e vem esquentar-te juntamente conosco - exclamou o príncipe.

- Tenho medo que os teus animais me saltem em cima.

- Desce, pobre mulher. Garanto-te que eles não te farão mal algum.

Mas a velha, que era uma feiticeira, teve um momento de hesitação e depois disse:

- Para estar certa de que nada me farão, quero que batas no lombo deles com o ramo que te vou atirar. E arrancou um ramo da árvore, deixando-o cair aos pés do caçador que o apanhou e bateu ligeiramente com ele na garupa dos seus animais, os quais endureceram por encanto, tornando-se de pedra.

A velha feiticeira desceu então rapidamente da árvore e tocou no jovem com uma varinha, transformando-o por sua vez em uma estátua.

Depois soltou uma diabólica risada e transportou as suas vítimas para uma espécie de caverna onde se achavam muitas outras criaturas que ela convertera em estátuas de pedra.

A vã espera da pobre princesa se tornava cada vez mais angustiada e até o rei se mostrava preocupado com a sorte do jovem caçador que desposara sua filha e deveria herdar o seu reino.

Exatamente nessa ocasião, o irmão do jovem príncipe voltou de longa viagem que realizara através do mundo, juntamente com os seus

animais, que ele fazia dançar para ganhar a vida. Um dia veio-lhe a idéia de ir até junto da árvore onde se despedira do irmão, e achou facilmente a faca que tinha cravado no trono. Mas, com grande mágoa, notou que a lâmina começava a enferrujar-se de um lado, enquanto do outro permanecia limpa e brilhante como dantes.

Tomado de indizível pressentimento, o jovem pensou que, se a lâmina ainda não estava enferrujada de todo, isso queria dizer que o irmão ainda não morrera, e que talvez ainda chegasse a tempo de salvá-lo.

Seguindo a direção oposta ao caminho que ele próprio seguira um ano antes, chegou às portas de um grande país, onde os guardas o detiveram, congratulando-se com a volta dele e perguntando-lhe se o deviam anunciar logo à sua esposa.

- A princesa está torturada de ansiedade e a vossa volta a encherá de alegria ! - disseram-lhe.

Naturalmente, aqueles soldados julgavam que ele fosse o jovem príncipe, e tal engano se originava no fato de que os dois irmãos se assemelhavam como duas gotas de água e ambos viajavam seguidos dos mesmos animais.

O caçador pensou que o engano lhe poderia ser útil para descobrir o irmão e fez-se por isso conduzir ao palácio real, onde foi recebido com grande júbilo. A princesa atirou-se-lhe nos braços e perguntou-lhe por que razão ficara tanto tempo na floresta.

- Perdi-me, e só hoje pude encontrar de novo o caminho para voltar - afirmou o jovem.

Depois de ter-se informado de tudo o que acontecera na floresta encantada, o jovem caçador

disse à princesa:

- Quero voltar de novo à caça naquela imensa floresta.

O rei e a filha fizeram tudo para dissuadi-lo, mas ele insistiu no seu propósito e partiu a cavalo, acompanhado por numerosa escolta.

Chegando ao bosque, repetiram-se os mesmos fatos que se tinham verificado da primeira vez.

Quando o caçador viu passar a corça branca, voltou-se para os seus homens, dizendo-lhes:

- Esperem-me aqui. Vou matar aquela corça e voltarei logo.

Mas a corça era inatingível e, quando a perdeu de vista, caíra a noite. Então resolveu passar a noite debaixo de uma árvore e acendeu uma grande fogueira para esquentar-se juntamente com os seus animais.

De repente ouviu um lamento que vinha do alto.

- Ui! . . . Ui!! . . . Ui! . . . Tenho tanto frio!

O caçador levantou o olhar e viu a velha feiticeira, encarrapitada entre os ramos da árvore.

- Se tens frio, podes vir esquentar-te na minha fogueira.

- Tenho medo de que os teus animais me saltem em cima.

- Desce, e fica certa de que nenhum mal te farão.

- Para ter a certeza, será preciso que tu lhes batas nos lombos com o ramo que te vou atirar.

Aquelas palavras não pareceram claras ao jovem caçador, que se sentiu tomado de suspeitas e respondeu:

- Eu não bato nos meus bichos; desce imediatamente da árvore, se não queres que eu te

vá buscar.

- Quererás ameaçar-me? - sibilou a bruxa -. Aviso-te de que não poderás fazer-me nenhum mal.

- Se não desceres, dou-te um tiro.

- As tuas balas não me fazem medo.

O caçador levou a espingarda ao ombro, apontou e disparou um tiro; mas os grãos de chumbo ricochetearam sobre o corpo da velha, que soltou uma gargalhada.

- Viste? Os tiros fazem-me rir!

O caçador compreendeu logo que aquela feiticeira devia ser invulnerável somente ao chumbo e arrancou alguns botões de metal do gibão, metendo-os em um cartucho, em lugar dos grãos de chumbo. Depois, disparou pela segunda vez, e a velha caiu no chão, ferida.

O jovem ameaçando-a exigiu-lhe:

- Agora vais dizer-me imediatamente onde se encontra meu irmão, do contrário te joga na fogueira e te asso viva.

- Tem piedade de mim! . . . Não me mates! - suplicou a feiticeira.

- Então responde: onde está meu irmão?

- Está escondido em uma caverna, juntamente com muitos outros que eu transformei em estátuas de pedra.

- Levanta-te e conduze-me imediatamente a essa caverna. Quando lá estivermos, restituirás a vida a meu irmão e a todas as tuas outras vítimas, do contrário te queimarei viva.

Tremendo de medo, a megera conduziu o caçador à caverna e tocou nas estátuas que lá se encontravam, restituindo-as à vida. O jovem

príncipe, os seus caros animais, e muitas pessoas que a velha tinha encantado, cercaram o seu salvador, abraçando-o com alegria, e depois voltaram às suas próprias casas.

Os dois irmãos gêmeos pegaram a feiticeira, amarraram-na muito bem, e jogaram-na entre as chamas, reavivando o fogo, para que não se extinguísse tão cedo. Quando a feiticeira ficou reduzida a cinzas, a imensa floresta clareou como por encanto, os raios do sol a iluminaram, e milhares de passarinhos começaram a bater asas nas copas das árvores, gorjeando.

Então os dois irmãos se dirigiram para o palácio real e, enquanto caminhavam, contaram um ao outro tudo o que lhes acontecera durante aquele período de tempo que tinham vivido separados um do outro.

Quando chegaram à vista do palácio real, disse o príncipe:

- Tu te pareces comigo de maneira extraordinária; ambos estamos vestidos de caçador e temos o mesmo séquito de animais. Agora vamos separar-nos, entrando no palácio por duas portas diferentes, e assim o rei nos verá chegar ao mesmo tempo pelas duas grandes escadarias e não saberá qual de nós dois é o esposo da filha.

Assim fizeram, de fato, e o rei, quando os viu, ficou tão embaraçado que teve de perguntar à princesa:

- Minha filha, qual destes dois é o teu esposo?

Mas nem mesmo a princesa estava em condições de responder àquela pergunta e, para não se enganar, aproximou-se dos animais, procurando o leão que tinha dentro da juba o fecho de ouro do seu colar.

- Eis meu esposo! - declarou então, pousando a mão no jovem que estava junto do leão.

O príncipe abraçou-a com grande ternura e depois passaram todos à sala de jantar, onde realizaram um banquete, celebrando as perigosas aventuras que acabavam de maneira tão satisfatória.

E durante muitos anos viveram contentes e felizes, sem que os dois irmãos se separassem mais.

FIM